

O CONCEITO DE CONHECIMENTO A PARTIR DO PENSAMENTO DE BENEDICTUS DE SPINOZA

MARIA TEREZA MENDES DE CASTRO¹

INTRODUÇÃO

Este trabalho buscará apresentar o conceito de conhecimento em Spinoza, tendo como base a leitura de sua obra “Tratado da Correção do Intelecto”.

Como é natural ocorrer, à medida que tentamos progredir na fundamentação de nossos estudos filosóficos, somos levados sempre a uma retomada à tradição filosófica grega. O saber, para os gregos, denotava uma aspiração de vida. Considerada o melhor bem, a sabedoria garantiria ao homem o uso correto de outros bens proporcionando, ao ser humano, a possibilidade de melhor conduzir sua vida. Aristóteles validou este pensamento afirmando que “por natureza, todos os homens aspiram ao saber.” Sendo esta aspiração entendida como uma necessidade intrínseca à natureza humana, podemos identificá-la também a uma necessidade de vida, ou, como diria Spinoza, ao perseverar em nossa existência. Perseverar em nossa existência é potência de vida. Potencializar-se, para Spinoza, é promover bons encontros que somente se concretizam através do conhecimento.

Este trabalho será fundamentado em alguns elementos que são intrínsecos ao conhecimento e à sua evolução. Primeiramente, abordaremos o amor como ascese espiritual, na concepção platônica, e o amor como elemento que nos conduz ao mais elevado grau de conhecimento, na perspectiva de Spinoza.

Várias são as concepções de amor. Contudo, nos deteremos à visão platônica na obra “O Banquete” e, posteriormente, à concepção spinozista através da obra “Tratado Breve”. Ambas as concepções, embora distintas em certos aspectos, apresentam um ponto em comum de fundamental importância: o amor como força unificadora que atrai semelhantes, que nos potencializa e nos conduz ao maior grau de conhecimento: o conhecimento verdadeiro.

Em seguida, abordaremos as definições de vontade e desejo, na perspectiva spinozista. Posterior ao amor, são eles os elementos essenciais para o entendimento acerca de nossas escolhas e do conhecimento de nossa natureza.

Por fim, encerraremos com o conceito de conhecimento através do ponto de vista da tradição filosófica grega e spinozista acrescentando, ainda, uma breve reflexão acerca da atual acepção do conhecimento. Embora tais concepções possam convergir para um mesmo fim, ou seja, a compreensão do universo, hoje é notória a subtração do homem como parte intrínseca neste processo de conhecimento. Além disso, o conhecer parece estar se desvinculado cada vez mais do ato de compreender causando uma considerável ruptura na edificação do conhecimento perfeito.

1.0 O AMOR PLATÔNICO, UMA PEQUENA ABORDAGEM

O amor, sentimento controverso, é abordado na obra de Platão, *O Banquete*, e discutido em suas várias concepções. O discurso de Diotima, a sacerdotisa, parte do princípio de ser ele um gênio que promove o vínculo entre o mundo dos deuses e o mundo dos mortais. O Amor não é um deus, mas um gênio inquieto com a sua condição intermediária – nem homem nem deus – que ambiciona alcançar a sabedoria, atributo restrito aos deuses.

O amor, escreve Platão, “ama aquilo que lhe falta, e que não possui”. O amor é imperfeito e incompleto. Contudo, esta carência não se revelará para Platão como uma negatividade, mas como algo que irá inspirar no homem o desejo de evoluir em seu conhecimento.

Na concepção platônica, o amor – força mediadora entre o sensível e o supra-sensível - em seu grau menos elevado, é responsável por despertar o desejo de fecundidade do corpo. O homem, através da geração de um outro ser, intenta tornar-se imortal. Entretanto, esta geração que se dará apenas em nível corporal não o apaziguará em seu desejo de eternidade.

¹ Discente do CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ e membro do GT BENEDICTUS DE SPINOZA – ANPOF.

O desejo humano ultrapassa a pretensão de eternidade da matéria e almeja alcançar um nível mais elevado, mais supremo: o nível espiritual. O espírito, quando “fecundado”, irá possibilitar a contemplação da idéia que é, para Platão, uma percepção intelectual. Esta ascensão do amor platônico que culmina na compreensão perfeita da essência das coisas é responsável pela identificação daquilo que é imutável e eterno. Este reconhecimento permite não só a harmonia do universo, como também a constituição do saber que ordenará a vida do homem.

Este itinerário do amor platônico que parte do conhecimento sensível, passa pela fecundidade e chega ao Absoluto, apresenta certa similaridade com os graus de conhecimento apresentado por Spinoza, sobre o qual falaremos no tópico seguinte.

O Amor platônico é um evoluir no conhecimento que se faz possível não apenas pela contemplação da Idéia, mas indispensavelmente pelo corpo, pela experiência primeira do mundo sensível. A necessidade de amar, mesmo que primeiramente um corpo, é um ponto de partida para o conhecimento verdadeiro. É necessário, portanto, a experiência sensível para ocorrer o desejo de fecundidade do espírito. Spinoza ao falar do amor, afirma que ele nasce do conceito e do conhecimento que temos de alguma coisa (objetos) e que sua existência é necessária para nos fortalecer em nossa existência. Este amor, assim como em Platão, nos fará, através da inserção da razão, repelir o efêmero e buscar o eterno, o conhecimento verdadeiro.

2.0 O AMOR NA DOUTRINA SPINOZISTA

De uma forma mais habitual, podemos compreender o amor como um sentimento que atinge o homem e nele desperta um desejo de permanência que, se sacia somente com a união à coisa amada. Esta compreensão vulgar acerca do amor, até certo ponto, não difere da concepção inicial do amor platônico e do amor spinozista. Em ambos os casos, o Amor se apresenta inicialmente como um condutor que, de forma gradativa, possibilitará a Idéia do belo em si, no caso de Platão, e o amor intelectual por Deus, no caso de Spinoza.

Na doutrina spinozista, a progressão do conhecimento não poderia ocorrer de forma abrupta, dado que a mente humana é apenas uma parte do intelecto infinito de Deus. Para a ascensão do conhecimento, Spinoza afirmará que ao homem é

possível três formas de conhecer: através da opinião, da fé e do conhecimento claro. Segundo Spinoza, a *opinião* estará sempre sujeita ao erro, em razão de se originar sempre de um “ouvir falar”, ou seja, por intermédio de outros e sem passar pela própria intelecção. Neste tipo de conhecimento, a imaginação atua de maneira predominante sobre o intelecto humano. A *fé*, o segundo grau de conhecimento, se constitui a partir da ação da razão, ou seja, por meio da convicção humana e com total exclusão da opinião alheia. Nesta etapa de conhecimento, o pensamento atua de maneira mais reflexiva onde a idéia obtida passa por uma avaliação de sua validade. Já o *conhecimento claro*, ultrapassa o entendimento racional e alcança a percepção perfeita. A idéia concebida neste grau, não se encontra mais restrita somente no âmbito da razão. Ela pode ser entendida em sua causa, ou seja, em sua origem com a perfeita clareza de sua gênese. Esta idéia clara, “reintegra” o homem à Natureza e o faz compreender sua ordem. O conhecimento claro traz a compreensão de que o homem na Natureza não é um império à parte, mas sim parte deste império.

A distinção entre esses gêneros de conhecimento baseia-se, segundo Spinoza, na capacidade do intelecto em captar, ou reconhecer, aquilo que é contingente ou necessário. Spinoza entende por contingência um “defeito” de nosso conhecimento, uma espécie de ilusão que formamos a partir de nossas idéias confusas. Tudo na Natureza é necessário e admitir uma contingência como uma necessidade é, no mínimo, a formação de uma idéia inadequada da realidade. Já a razão, como uma boa conselheira, recusa a contingência e distingue a idéia verdadeira (a idéia necessária) de todas as outras percepções. Aquilo que é necessário o é sob dois aspectos: em relação à sua essência e em relação à sua causa. No primeiro caso, trata-se do necessitarismo divino, onde a essência envolve a existência. No segundo caso, Deus, como substância primeira, é causa de todas as coisas e sem ele nada poderia ser concebido. O terceiro gênero de conhecimento, não só reconhece o necessitarismo divino, como tem a compreensão perfeita da eternidade divina. Em resumo, na seqüência perfeita do conhecimento, exclui-se, primeiramente, as idéias confusas, posteriormente, acata-se o necessitarismo divino e, por fim, compreende-se a eternidade de Deus como única força criadora de todas as coisas existentes. “Quando nós compreendemos que Deus é causa de tudo, tudo nos dá alegria e tudo produz amor a Deus”.

Reconhecemos, portanto, que o conhecimento acerca do todo, produz o amor verdadeiro e este amor se direcionará necessariamente a Deus. Entretanto, Spinoza reconhece a tendência humana em deixar-se abalar pelo ânimo e, a partir disso, formar conceitos positivos e negativos acerca das coisas. No *Tratado da Correção do Intelecto*, ele afirma que “toda felicidade ou infelicidade consiste somente numa coisa, a saber, na qualidade do objeto ao qual aderimos pelo amor”. No capítulo V de sua obra “Tratado Breve”, segunda parte, Spinoza detalhará todos os graus deste afeto e mostrará sua necessidade para evoluirmos em nosso conhecimento.

“O amor não é nada mais que gozar de uma coisa e unir-se a ela”². Podemos afirmar que para a efetivação do amor, é necessária, primeiramente, a existência de um sujeito a ser afetado (que ama) e um objeto que despertará tal afeto (coisa externa). Neste processo de atração, incidirá uma força subjetiva de valoração que permitirá o relacionamento entre o sujeito e o objeto exterior. O amor que se estabelece nesta relação, como afirma Spinoza, “nasce da representação e do conhecimento que temos de uma coisa.”³ Tal representação nada mais é do que a ação da subjetividade humana valorando o objeto de sua percepção. O homem, em busca de sua completude, busca relacionar-se e unir-se a algo. Isto é necessário à preservação de sua existência. O homem nada é fora do universo, fora da Substância. O homem é um “modo” da substância e sem ela não pode existir nem ser concebido.

A escolha acerca do objeto ao qual o homem deverá se unir, ocorrerá em outro momento, em uma outra etapa que medeia o amor e o desejo. Esta volição formada na “alma” é apenas um modo de pensar (ente de razão) a que Spinoza denominará vontade.

Anterior ao desejo, há um objeto exterior que será eleito como algo benéfico ou não à sua existência. Ao eleger tal objeto como bom, estamos fazendo a opção de unirmos a ele. Esta ação de escolha será entendida como vontade e a revelação desta inclinação, desejo. Em síntese, o amor conduz, a vontade pondera e o desejo revela.

3.0 O DESEJO COMO REVELAÇÃO DA NATUREZA HUMANA

Como mencionamos anteriormente, a razão é conselheira, mas não é suficientemente para determinar o homem a fazer escolhas positivas. A razão dá a ele

² “El amor no es nada más que gozar de una cosa y unirse com ella” (*Tratado Breve*, p. 109).

³ *Ibidem*, p. 110.

apenas a capacidade de conhecimento de suas ações e a possibilidade de análise acerca de suas idéias. Esta parte do processo reflexivo é, então, essencial à formação das idéias adequadas que, em sua seqüência, promove o que Spinoza chama conhecimento intuitivo. Através do conhecimento intuitivo, o homem procura agir de acordo com a sua natureza, com a sua essência, e aquele que transgredir sua intuição, estará transgredindo seu ser, abalando, desta forma, a ordem da natureza.

Esta força determinante e reveladora de nossa essência será reconhecida por Spinoza como *desejo*. O desejo revela a natureza humana e nos aproxima o daquilo que Spinoza chama conhecimento verdadeiro.

Para um melhor esclarecimento, faremos uma distinção entre o conceito de *desejo* e *vontade* por intermédio de sua obra *Ética*. Segundo Spinoza, a vontade é apenas um esforço que se refere unicamente à mente. Logo, a vontade é passiva, não atua, pois necessita que o corpo seja também afetado. Contudo, esta vontade quando atinge mente e corpo simultaneamente, dá-se o que Spinoza denomina *apetite*. Spinoza identifica ainda o *apetite* à *essência* do homem já que é a sua essência que o inclina a agir de determinada maneira. O homem revela sua essência através de sua ação que é determinada pelo desejo, e, como já mencionamos anteriormente, o desejo mostra a nossa natureza. Por esta razão, Spinoza afirma que “o desejo é o apetite de que se tem consciência”⁴. A vontade, enquanto se dá na mente, é comandada apenas pela razão, mas quando se dá simultaneamente no corpo e na alma, transforma-se em potência, em movimento, em ação.

4.0 O ENCONTRO DE SEMELHANTES

Vimos que o amor é o prazer que se manifesta por estarmos unidos àquilo que desejamos e que o desejo, como afirma Spinoza, é a revelação de nossa inclinação, de nossa natureza. Tal inclinação, entretanto, não ocorre em razão de uma falta ou carência absoluta; ocorre em razão do desejo de completude, ou melhor, daquilo que “confirma” a nossa essência e que nos fortalece. Porém, neste processo de identificação não há uma comunhão de contrários, mas a união de semelhantes distintos entre si numa mesma substância. Ao contrário de Platão, o amor spinozista não transcende a matéria, mas permanece no interior da substância única e nela se eleva. Os bons encontros

⁴ *Ética*, Livro III, escólio proposição IX, p. 182.

que se realizam para promover nossa força de existir são como um reconhecimento de nossa existência dentro da essência de Deus.

Para nos fortalecermos em nossa existência é necessário nos unir a algo e para isso, é necessário amar. O conceito e o conhecimento que temos acerca do objeto ao qual dedicamos nosso amor serão determinantes em nossa potencialização, ou seja, no fortalecimento de nossa existência e em nossa paixão alegre.

Visto que todas as coisas existentes foram criadas a partir de Deus e que tais coisas são apenas modos criados dentro dos atributos divinos, podemos afirmar que tais coisas, enquanto modos, procuram uma comunhão com a substância primeira. Não existe um ser a parte. Existe o Ser que é Deus. Deus é o “uno-múltiplo” e esta multiplicidade no uno sempre tenderá a tornar-se parte indistinta desse. Assim como a união se dá em Platão pela nostalgia do Absoluto, em Spinoza a união se dará após uma seqüência de bons encontros através dos quais nos identificaremos com a idéia da essência.

Como temos por intuito neste trabalho falar somente acerca do conhecimento e de sua elevação, destacaremos somente os “bons encontros”, isto é, aqueles que favorecem a nossa constituição e que nos potencializa. Evoluir em conhecimento é, na verdade, nos elevarmos ao conhecimento das causas e todo este evoluir está relacionado à formação de nossas idéias. A idéia-afecção (idéia inadequada) pertence ao primeiro nível de conhecimento, isto é, aquele em que não tenho conhecimento da causa, mas unicamente a idéia vaga e confusa do efeito de um corpo sobre o meu. No segundo nível de conhecimento (idéia-noção), tenho, através da maturação de minha experiência, a idéia daquilo que pode me ser útil ou não. Formamos, a partir disso, uma idéia adequada, ou seja, temos agora o conhecimento do efeito já com a idéia das causas. Podemos, neste caso, ter a noção daquilo que nos convém e, em razão disso, escolher ou rechaçar tal objeto. O terceiro grau de conhecimento, que estaria relacionado à idéia da essência, seria não só a compreensão daquilo que nos convém ou que pode nos potencializa, mas uma compreensão de nós mesmos e de nossas várias relações com o mundo e, conseqüentemente, o encontro com Deus.

O encontro de semelhantes, o que intitula este tópico, resume a busca do nosso entendimento acerca daquilo que nos potencializa, que nos faz pessoas de ação e, portanto, felizes. Podemos compreender

somente aquilo que se identifica com o nosso ser, com a nossa natureza. Aquilo que se opõe ao nosso ser, automaticamente, nos despotencializa e nos destrói. São as paixões tristes.

É no encontro de semelhantes que se constitui a consciência de uma substância única. Fomos criados a partir dela. O monismo substancial de Spinoza é caracterizado por uma multiplicidade infinita de atributos sendo cada um deles distintos entre si. O homem é um modo de ser na natureza que pretende sua integração a esta por meio da evolução em seu conhecimento. Por intuição, ou consciência dessa imanência, o homem tenderá sempre a se reintegrar ao Uno que, na verdade, sempre o envolveu, mas que, em virtude de sua percepção múltipla e equivocada do real, dele se “separou”.

5.0 O CONHECIMENTO EM SPINOZA

Nos tópicos anteriores, tentamos esclarecer alguns elementos que envolvem a evolução do conhecimento como: o amor, a vontade e o desejo. Trataremos agora do conceito de conhecimento a partir da obra “Tratado da Correção do Intelecto”. Abordaremos o método reflexivo através do qual Spinoza propõe um rigor na estrutura do nosso pensamento visando ao aperfeiçoamento do ser humano.

Primeiramente, Spinoza chama a atenção para a justa medida e pede que não confundamos “meios” com “fins”. Devemos utilizar os “meios” apenas como “meios” e cada instrumento de acordo com sua verdadeira função. Fica evidente a preocupação de Spinoza com o equilíbrio e o bom senso para a condução inicial do pensamento.

O método spinozista é o conhecimento reflexivo, ou seja, o próprio conhecimento é pressuposto para a existência do método. Ao método não cabe a busca, mas sim a reflexão sobre o que lhe fundamenta. Spinoza alerta que não devemos ocupar nossa mente com idéias falsas ou fictícias (não claras); devemos nos apossar de uma idéia verdadeira e seguir em nossa reflexão para o nosso evoluir no conhecimento. A clareza da idéia está intimamente ligada à sua simplicidade; logo, quanto mais complexa, mais confusa.

O que Spinoza denomina idéia verdadeira é o conhecimento de sua causa, ou seja, nossa percepção clara de como a coisa se forma. Exclui-se, portanto, desta forma de percepção aquilo que provém do “ouvir

falar” e da experiência vaga (primeiro grau de conhecimento) em razão de não termos acesso à sua essência. Devemos entender nosso objeto de investigação através de sua essência (causa em si mesmo), ou mesmo através de sua causa próxima (se a causa não é em si).

A investigação do conhecimento deverá ser entendida como um saneamento de nossa percepção. Quando nos deixamos confundir em nossas percepções, nos perdemos também da ordem natural do nosso pensamento nos desviando, dessa maneira, do Conhecimento Perfeito.

Toda reflexão a partir de um conhecimento primeiro que se eleva ao conhecimento verdadeiro, indiscutível e absoluto, aponta para um conhecimento imanente. A idéia verdadeira e todas as outras seqüências de idéias estão dentro do próprio conhecimento absoluto. A ordem certa da natureza propõe esta imanência, isto é, todo o conhecimento se dá em si mesmo. Por isso, a idéia verdadeira é simples, tão simples e clara quanto o conhecimento verdadeiro. Assim como o conceito de substância a define como “aquilo que é em si e por si é concebido”, o conhecimento verdadeiro é essência e causa de si mesmo, assim como é causa de todos outros conhecimentos existentes. Aquilo que é acidental está fora da substância, portanto falso; aquilo que não pertence à ordem correta do intelecto não pode fazer parte do conhecimento verdadeiro. Estes acidentes, ou erros do sentido, poderão ser entendidos em Spinoza como as idéias fictícias e falsas que têm origem na própria imaginação.

Conhecer, para Spinoza, é conhecer a totalidade; e conhecer a totalidade é ter a compreensão de tudo que envolve o todo. Isto é, ter a compreensão de nós mesmos dentro do universo que nos envolve. O conhecimento intuitivo propõe o reconhecimento de sua imanência. Não podemos ultrapassar barreira alguma, pois cairíamos numa transcendência, mas temos que chegar à percepção adequada deste todo. Temos que perceber que nossa essência estabelece uma relação com a Natureza e que para alcançar nossa felicidade, não podemos nos conduzir contrariamente a ela. Devemos promover sempre “bons encontros”, por isto temos que nos conhecer para que possamos entender sobre aquilo que nos potencializa e que nos levará inevitavelmente ao bem supremo.

Nossa aptidão em promover bons encontros, revela nossa autonomia em relação apenas à capacidade

de compreensão de nossa natureza e das forças de nossas afecções. O conhecimento nos liberta da ignorância acerca de nossos vícios e paixões e nos proporciona uma visão clara do nosso mundo.

Podemos concluir que, após mais de três séculos, o pensamento de Spinoza envolve questões fundamentais relacionadas ao nosso tempo. O estresse causado por excessos diários, demonstra o quanto perdemos a noção da justa medida. A obsessão por conquistas materiais tem-nos feito confundir meios com fins. Ao que parece, o ser humano, em sua maioria, restringiu-se ao primeiro gênero de conhecimento demonstrado por Spinoza. Por não evoluirmos em nossa compreensão, estamos nos limitando à formação de idéias confusas e inadequadas. Não conseguimos concluir sobre o conhecimento das causas de nossos afetos. Isto explica o porquê do crescente apego à religião como forma de solução de nossos problemas. O homem, não conhecendo seu corpo e os efeitos de outros corpos sobre ele, tem vivido de forma quase alienada e, por muitas vezes, desgovernado em suas ações.

Hoje, fala-se muito sobre ser livre, mas apenas no que se refere à ação não coagida. Contudo, estamos ainda presos às superstições, ao medo, aos preconceitos, às nossas paixões e, principalmente, presos em nossa ignorância sobre nós mesmos. Presos em nosso desconhecimento.

O conhecimento, pretensão antiga do ser humano, tem evoluído cada vez mais, contudo de forma contrária ao que pretendiam os filósofos gregos e o próprio Spinoza. O conhecimento tem avançado no campo tecnológico e produzido cada vez mais efemeridades. Voltado para uma dinâmica onde o útil em pouco tempo se torna obsoleto, o conhecimento tem hoje uma conotação apenas tecnológica e utilitária. O homem tem avançado nesta tecnologia, mas retroagido na compreensão de si e das causas daquilo que lhe afeta como ser humano.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Bendedetti. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ESPINOSA, Baruch. **Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética**; seleção de textos: Marilena de Souza Chauí; tradução de Marilena de Souza Chauí... [et al.]. 5. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1991. (Coleção Os Pensadores).

PLATÃO. **O Banquete**. Tradução, introdução e notas do Prof. J. Cavalcante de Souza. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

REALE, GIOVANNI. **História da Filosofia – Antigüidade e Idade Média** – v. I. 6. ed. São Paulo: Paulus, 1990.

SPINOZA. **Tratado Breve**. Introducción, traducción, notas y los índices de Atiliano Domínguez. Madrid: Alianza 1990. (Sección: Clásicos).

